

ESTUDO: ASSIMILAÇÃO DE DADOS

Conferência dada a 9 de Julho de 1964

Como estão hoje? Em que data estamos?

9 de Julho. 9 de Julho A.D. 14.

Muito bem. Bom, em que coisa é que estão mais fracos? Audição. Sim.

Sinceramente, não tenho nada de que vos falar porque estão todos a ir tão bem. Sou eu que estou a ficar para trás, compreendem? Mas dei-vos umas quantas conferências sobre o estudo e como passar através dele e como fazer isto e como fazer aquilo, e há muito pouco que possa ser acrescentado ao que já vos disse, mas é melhor que acrescente esse muito pouco.

Ao tentar assimilar uma informação, estes são os pontos a ter em atenção e os pontos em que vocês tropeçam. A nomenclatura. Nomenclatura: O que quer dizer uma palavra? E isso é basicamente onde tropeçam, porque não podem ler uma frase com essa palavra e saber o que a frase diz. Por isso a nomenclatura é um dos principais obstáculos em qualquer estudo.

Ora, em Cientologia não existem glossários vastos e bem elaborados, mas existe um glossário dos materiais de Classe VI; e parte da nomenclatura é o reconhecimento do que é a definição. Uma coisa é ter apenas a definição e outra é ter uma ideia daquilo que a definição significa.

Agora, avançamos um pouco mais e descobrimos que provavelmente podia ter havido uma nomenclatura melhor, mas nesta altura já toda a gente conhece isto como um "isto" e seria uma catástrofe total se alterassem a coisa, e não podemos continuar a referir-nos a ela como "a coisa".

Agora, vocês encontram-se numa Terra do Nunca, que nunca foi explorada. Não existe linguagem que represente adequadamente as partes da mente. Se usassem alguma da terminologia que é usada pelo psiquiatra, não sabem em que é que se iriam meter. Sinceramente, não fazem ideia daquilo em que se metiam, porque ele é um tipo bizarro, meus caros; e quando usa uma palavra para descrever alguma coisa, podem haver insinuações relacionadas com essa palavra que difundiriam - se a usassem - difundiriam uma zona ou área totalmente incorrecta e levariam alguém a pensar que ele sabia do que vocês estavam a falar quando não tinha a menor ideia daquilo de que estavam a falar. Desta forma cruzariam a nossa terminologia com outro campo que significa outra coisa qualquer.

Bem, esta é a razão pela qual não podemos cruzá-la: tem um propósito diferente, esse outro domínio, tem um objectivo diferente e uma base de operação completamente diferente. Bem, o propósito deles é tornar as pessoas sossegadas - mostro-vos como isto é fantasticamente diferente. Nós ficamos preocupados quando vemos um PC muito sossegado, meus caros. A sua ideia de tratamento baseia-se no denominador comum, no que lhe diz respeito, de que os homens são animais que emergiram espontaneamente de um mar de amónia e não se sabe mais o quê - e que todo o pensamento é feito pelo cérebro, e assim por diante.

Portanto, esta é uma zona ou área inteiramente diferente, e não tem dado resultados, pelo que não precisamos de lhe prestar nenhuma atenção. Não nos interessa quão ruidosamente alguém toque o tambor e diga: "Esta é a autoridade". As autoridades são as pessoas que podem obter

resultados, essas são as autoridades. Um pintor é alguém que é capaz de pintar um quadro. Uma "autoridade em pintura" foi alterada para "alguém que pode criticar um quadro". Bom, qualquer pessoa pode criticar um quadro, por conseguinte, suponho que qualquer criança seja uma autoridade em pintura. Portanto, a ideia não se mantém quando tomamos isto a partir de um ponto de vista crítico, estão a ver?

Não. Uma autoridade é o tipo que pode fazer a coisa. E o mundo em apatia e fracasso, avançando em várias linhas e direcções em que não foi capaz de fazer coisa alguma, tem eleito autoridades em assuntos em relação aos quais nada são capazes de fazer. Por essa razão ficaríamos todos enredados com domínios que fracassaram, e isso, por si só, introduziria um ingrediente de fracasso em Cientologia.

Temos portanto que deixar a tecnologia deles em paz. Temos que deixar a nomenclatura deles rigorosamente em paz. Não podemos falar de "ids" e de "egos". Não podemos realmente falar do "inconsciente".

Por outras palavras, não podemos discutir o que estamos a fazer em termos do que eles estavam a fazer, porque eles não fizeram coisa alguma, e cairíamos imediatamente em desgraça e ficaríamos em muito mau estado. Por conseguinte, temos que ter a tecnologia nomeada de uma certa forma para que transmita um significado. E somos as pessoas que podem obter resultados no campo da mente, por isso somos nós as autoridades.

Por essa razão não temos que prestar nenhuma atenção a outros que se instalam como autoridades; porque qualquer louco varrido pode ir até ao próximo cruzamento e dizer: "Sei tudo sobre uvas". Vêem? "Sou a maior autoridade do mundo em uvas." Qualquer louco varrido poderia fazer isto, estão a ver? Ele poderia simplesmente continuar por aí a gritar: "Sou a maior autoridade do mundo em uvas!"

Poderia conseguir que alguns outros loucos que aparecessem por ali dissessem: "és a maior autoridade do mundo em uvas".

Talvez ninguém pensasse em fazer a este louco a pergunta: "Alguma vez comeste uvas, viste uvas, cultivaste uvas, ou fizeste alguma coisa com elas?" E certamente se as respostas a todas estas perguntas fossem todas "Não", então seria bastante óbvio que ele era um louco varrido.

E esse é o psiquiatra, vêem? Nunca viu uma mente, nunca criou uma, nunca modificou uma, nunca ocasionou quaisquer resultados neste campo particular - a única coisa de que se pode gabar é de ser um pouco destrutivo no assunto - e grita que é uma autoridade, e que por isso, de uma forma ou de outra, deveríamos adoptar a sua nomenclatura.

Ora, qualquer um de vocês, mais tarde ou mais cedo, vai colidir com isto num cruzamento qualquer: "Porque não usas terminologia standard?"

Bem, a resposta para isto é: "Terminologia standard de *quem?*". Teria que ser a terminologia de uma pessoa que pudesse obter um resultado antes de se poder dizer que era mesmo uma terminologia.

Portanto, o Homem não tem tido uma grande compreensão deste campo particular, e até inverteu as coisas quando escolheu ter a nomenclatura do campo estandardizada por pessoas que nada sabem sobre ele. Bom, essa é a inversão mais louca com que alguém poderia sonhar. Não só não há terminologia, como há uma grande quantidade de terminologia falsa. Aquela terminologia é falsa, e se começam a usá-la irão meter-se em problemas. Alguém irá dizer-vos mais cedo ou mais tarde: "Porque não usas nomenclatura standard, porque não fazes isto e porque não fazes aquilo?"

Bem, é evidente que a minha refutação disto é sempre muito violenta. Quando alguém me

vem com isto, nem penso que esteja a tentar ser prestável. Nunca cometo esse erro, por conseguinte, apenas os corto aos bocados e sirvo-os ao jantar. E é algo mais ou menos assim - eu responderia o seguinte: "Bom, porque é que vocês não desenvolveram alguma coisa que pudesse ser usada?"

Assim, quando o Dr. Bacoco está ali: "Bom, porque não usa terminologia standard de forma que alguém a possa compreender?"

"Porque diabo não inventou uma?"

(Dr. Bacoco) "Que quer dizer?"

"Bem, porque é que não sabe nada sobre a mente? Porque anda por aí a fazer-se passar por aquilo que não é?"

(Dr. Bacoco) "Ora, francamente! Eu tenho uma licenciatura!"

"Eu sei. Essa licenciatura não significa nada. Tire um destes pacientes de um destes quartos que você tem aqui. Traga-o aqui e cure-o. Quero ver isso!"

"Oh, não se pode fazer uma coisa dessas!"

"Por conseguinte você é um embusteiro! Vá para o inferno!"

Esta é a ideia que tenho de uma conversa cortês com um desses tipos. Detesto embusteiros; e é interessante notar que a única lama que eles nos podem atirar é tratarem-nos por embusteiros. Compreendam, "O overt fala bem alto ao acusar" - parafraseando Shakespeare.

Ora, por conseguinte, vocês não podem evitar ter problemas com a terminologia, a nomenclatura. Eu tive problemas com ela, não pensem que não tive. Como é que eu invento uma palavra para descrever algo que possa ser encontrado, que possa ser examinado e que existe de facto, que não entre em conflito com outra escola de nomenclatura que fracassou? Como é que eu penetro nesse perímetro? Oh, provavelmente poderíamos fazer um trabalho muito melhor, mas parte do problema são vocês.

Vocês aceitam certas expressões e começam a usá-las na vossa comunicação normal, e depois a última coisa no mundo que eu poderia fazer era retirar-vo-las e dizer: "Bem, na verdade tal e tal é uma palavra melhor. A pouca terminologia de Cientologia que conhecem está agora morta e não existe. Vamos substituí-la por uma terminologia completamente nova", e vocês ficariam aborrecidos. Correcto?

Portanto, a terminologia tem que lidar com este factor de evolução em uso. Não só a desenvolvemos, e os significados das palavras oscilaram um pouco ocasionalmente, como depois entram em uso e ficam na página impressa. Elas entram nos boletins e entram nos vossos diplomas, e por aí fora. Ao atribuir um diploma a um estudante do HCA, bem, é suposto que ele saiba o que é a mente reactiva. Óptimo.

No dia seguinte chamamos-lhe outra coisa; aniquilamos imediatamente parte da sua educação, não é? E tornamos-lhe difícil comunicar com alguém que é treinado mais tarde. Se queremos dissonância, bom, tê-la-emos com uma grande cacofonia se começarmos a demolir a terminologia que desenvolvemos, por isso temos que a salvaguardar. Por esse motivo, quando aprendemos mais acerca do assunto, vejam, a palavra pode tornar-se irreal mas continuamos a usá-la.

Portanto, a única coisa que podemos fazer é eleger realmente as coisas que são mais importantes na mente, e manter essa terminologia tão standard quanto possível. Primeiro tentar desenvolvê-la de uma forma inteligente para que não entre em conflito nem crie mal-entendidos em alguma actividade mais antiga, e depois temos de a transmitir como um item estandardizado

e não a ir alterando em todo o lado precisamente na altura em que toda a gente aprende o que ela é. Portanto existe aqui uma certa necessidade de manter uma constante na nomenclatura e na terminologia.

O vocabulário de Cientologia tem provavelmente cerca de 472 palavras importantes, o que constitui um vocabulário técnico suficientemente pequeno. O vocabulário médico compõe-se de algo na ordem dos vinte a quarenta mil vocábulos, nessa ordem de grandeza, com palavras muito peculiares que não significam coisa alguma.

Portanto a vossa tarefa ao aprender "cientologês" é relativamente curta, relativamente breve quando comparada com outros campos técnicos.

Agora, podem queixar-se de qualquer campo técnico quanto à sua nomenclatura; e essa nomenclatura muitas vezes é simplesmente cinco vezes mais absurda, se a olharem dessa maneira, do que "Cientologia é inaplicável". Alguns destes campos especializados são realmente maravilhosos. Mas se vocês têm inclinação para isso, se têm aptidão para isso e se divertem com estas nomenclaturas e terminologias e linguagens especiais, por assim dizer, podem divertir-se muito com algumas delas.

Eu sei, porque estive recentemente a conviver com o mundo do circo. Bem, felizmente conheço um pouco da terminologia do circo, mas do ponto de vista do circo americano, e não sei se é válida no circo inglês, compreendem?

Agora vou mostrar-vos as terminologias de classe superior. São todas "snobes"; estas linguagens são todas linguagens snobes, incluindo Cientologia, compreendem? O rapaz que sai da sua aula de HCA, vejam, e atira com um par de palavras cá para fora; há duas ou três pessoas que percebem do que ele está a falar, e por aí fora, e eles cavaqueiam juntos, compreendem? É como se a "loja" tivesse passado a senha, entendem? As pessoas à volta ficam boquiabertas e dizem que estão a escutar a elite superior. Bem, nessa medida é assim, vêem? Alguém tem uma compreensão superior. Mas isto é um sistema de sinais, e na verdade eu não poderia tirar isso do assunto mesmo que tivesse que o fazer. Se eu não o inventasse, fá-lo-iam vocês.

No mundo do circo se vocês usam *carnaval* - um carnaval, vêem, está numa posição bastante baixa na escala. Para o circo, um carnaval está quase abaixo de desprezo. Estas coisas estão muito nitidamente instaladas nas camadas sociais, portanto não se atrevem a usar a terminologia de carnaval, da qual conheço cerca de quatro ou cinco centenas de palavras (o *carnavalês*). Não se atrevam a usá-la em referência aos mesmos objectos e acções idênticas no mundo do circo. E o mundo do circo tem talvez setecentas, oitocentas ou um milhar de palavras, entendem, para estas mesmas coisas. Já viram a mesma coisa; encontram isso no baixo holandês e no alto holandês, e noutras línguas etc. Portanto vocês têm que ser muito cuidadosos com algumas destas.

Mas na situação inversa vocês podem reconhecer um verdadeiro organista - isto no mundo da música. Podem reconhecer um grande pianista de concertos pelo temor respeitoso com que diz a palavra *Steinway*, e com que fala do seu instrumento, e com que fala das suas partituras, etc. Podem reconhecê-lo; desempenha o papel de um snobe, dentro do seu fraque de cauda longa e com os seus gestos graciosos e poses das mãos sobre o teclado, e todo esse tipo de coisas. Conhecem este tipo por aquilo que ele é, vêem? É um pianista clássico, um pianista de concertos clássicos.

Bom, a sua terminologia é bastante espantosa. Se ele e um chefe de orquestra sinfónica iniciassem uma conversa na vossa vizinhança imediata vocês ficavam atordoados. Não imaginavam que existissem tantos termos musicais, introduzidos ou extraídos do italiano e alemão, ou coisa que o valha.

E estaria, com franqueza, acima da compreensão da maioria dos próprios membros da

orquestra sinfônica. Eles diriam: "Meu Deus, oiçam aquilo", sabem?

Mas no campo do órgão dá-se uma inversão completa. Bom, um órgão é um instrumento, o que o piano não é... um órgão é um instrumento de percussão apenas na medida em que vocês accionam uma tecla de percussão, e para além disso podem obter música a partir dele. Mas um piano, claro, é única e exclusivamente um instrumento de percussão. Isto de acordo com a classificação moderna, compreendem? Classificam-no como um instrumento de percussão.

Bem, é um instrumento de percussão bastante difícil de tocar e requer muito virtuosismo para trabalhar com ele, mas um órgão também... podem accionar uma tecla de um órgão e fazê-lo soar como um piano. Também podem fazê-lo soar como um clavicórdio. Podem fazê-lo soar como quase qualquer coisa. E recentemente tenho sido íntimo de organistas profissionais, verdadeiros profissionais; sabem, organistas de teatro, organistas de circo, este tipo de indivíduos. Sabem? Na verdade, tenho ficado com o cabelo em pé. Estes rapazes ocupam uma posição no seu campo precisamente tão alta como a que o pianista de concertos ocupa no seu campo, na verdade um pouco mais alta. Porque vocês têm que ser como Vishnu antes de poderem tocar um órgão, sabem? Oito braços! E a sua terminologia far-vos -ia cair completamente de costas.

Existem dois campos de terminologia; e quando se chega a ser um verdadeiro profissional no campo do órgão, quando se é tanto desenhador de órgãos como executante - sabem, muito no topo da escala - na verdade muda-se de velocidade na terminologia. E a terminologia de órgão com a qual se está familiarizado, é a terminologia de órgão que é usada pelo músico, o músico normal, mas quando se sobe na escala entra-se num novo campo de terminologia. Portanto, existem dois campos de terminologia no campo do órgão.

E o verdadeiro profissional e o verdadeiro snobe naquele campo particular muda de atitude, muda completamente de atitude, quando deixa o campo da simples música para entrar no campo de tocar um órgão e desenhá-lo. No momento em que entramos nesse campo a paisagem é outra. Nem sequer tem o mesmo aspecto ou o mesmo cheiro. E aquilo é tão refinado que quando ouvi esses rapazes a falar pela primeira vez, etc., não percebi nada do que diziam, sabem? Era simplesmente como escutar hotentotes a falar sobre o próximo banquete de cabrito-montês. Não percebia patavina.

Bom, finalmente pus-me a par do assunto e fiz um pouco de trabalho de órgão e de desenho e esse tipo de coisas, e convivi intimamente com esses indivíduos, e ainda só domino uma pequena parte da sua terminologia, e eles estão sempre a espantar-me; mas agora cheguei a um ponto em que sei do que estão a falar, percebem?

Bem, por exemplo, o organista da Catedral de São Paulo, que seria provavelmente o máximo dos máximos entre os simples organistas em Inglaterra, estão a ver, refere-se ao "teclado de pedais". Vejam, são esses - esse teclado sobre o qual vocês pisam, compreendem? Bom, ele chama a isso teclado de pedais. Quando entram no mundo dos verdadeiros snobes já não é um teclado de pedais, é "lenha".

Ora, o maior organista da Catedral de São Paulo refere-se sem dúvida nenhuma a "notas" e "tubos" e "comprimentos em pés", e o verdadeiro snobe chama-lhes "ruídos". São "ruídos", e ele diz isto com uma cara muito séria. Portanto, a primeira vez que ouvi isto, pensei que estavam a gozar, compreendem? E cada vez que ouvia uma coisa destas cometia repetidamente o erro (do qual só agora começo a recuperar-me) de rir como um louco, percebem, mostrando assim a minha grande ignorância de todo o assunto. Cheguei agora a um ponto em que posso conversar à vontade sobre isso.

Que diabo foi que ouvi na outra noite? Creio que foi um "Rosnar de Blackpool". Este órgão era capaz de produzir um bom e sólido "Rosnar de Blackpool". É provável que eu tenha

compreendido mal a palavra *rosnar*, mas era capaz de produzir uma terrível e estrondosa dissonância que reverberava, e essa foi a maneira como foi descrita. Ao fim de algum tempo ficam a compreender isso.

Porém, estou a chegar lá. Estou a chegar lá. Estou agora a chegar a um ponto em que desenvolvi algo, que não creio que lhes tenha ocorrido ainda, no que respeita a "lenha". E posso tocar um trecho na lenha, que eles não pensariam que pudesse ser tocado na lenha, portanto estou a praticar isso afincadamente, e para a próxima vez vou vingar-me; vou surpreendê-los a eles!

Mas o ponto onde estou a querer chegar é que à medida que se entra no santuário íntimo de qualquer profissão, muito normalmente abandona-se a linguagem puramente snobe e entra-se na linguagem de gíria. Só Deus sabe o que um médico chama às amígdalas enquanto janta com outros médicos, vêem. Mas chama-lhes provavelmente outra coisa. A sua terminologia muda, então, de muito formal, com uma enorme formalidade forçada, envolvendo quase que adoração, percebem, e depois, à medida que a sua familiaridade com o assunto aumenta, muda para algo que se parece mais com gíria.

E nós não nos preocupámos, então, em passar pelo país da pomposidade para alcançar o mundo da gíria; simplesmente fizemos um atalho a esta coisa toda. É verdade o que vos digo acerca de nomenclatura: a nomenclatura, quando chega realmente aos conhecedores, nunca é séria. É um assunto muito pouco sério. As coisas que os grandes engenheiros electrónicos são capazes de criar, enquanto o diabo esfrega o olho, como um circuito ou ligação electrónica para um foguetão lunar - provavelmente o que eles lhes chamam não é aquilo que é ensinado na universidade, percebem? Eles entendem esta coisa, e é como um *rufar de tambores*; é quase, como uma algaraviada incompreensível elevada ao nível de profissão, sabem? É bastante fora do vulgar.

Bem, nós tomámos um caminho directo. Como não existia nenhuma, realmente não desenvolvemos uma linguagem secundária. Estamos na nossa linguagem secundária. De modo que essa é outra maneira como a coisa foi reduzida. Poderíamos desenvolver uma nomenclatura formal, altamente pomposa; um vocabulário, talvez, de duas ou três mil palavras e esperar que todos vocês o aprendessem de cor e salteado e fossem capazes de o discutir com grande solenidade, simplesmente para acabarem por criar um vocabulário muito menos extenso no campo da gíria. Demos esse passo num salto, portanto a nossa linguagem não parece séria. Vejam, a nossa nomenclatura não é pomposa porque não havia nenhuma razão para introduzir nela esse outro passo suplementar.

Bom, quando alguém vos falar acerca de não usarem nomenclatura psicanalítica correcta, provavelmente esse alguém é o mais novato no campo da psicanálise. Bem, se conseguisse o diploma e se se portasse bem, tornar-se-ia um neófito, sabem, ou não estaria a expressar esta reverência pela nomenclatura, porque é um sintoma da fase em que simplesmente se memoriza sem compreender. Depois o tipo começa a saber umas coisas, e assim por diante, e normalmente encurta a sua nomenclatura de forma bastante marcada e rápida.

E é evidente que aquilo que um organista, que esteja bem informado no campo da Engenharia e Desenho, etc., tem que saber... este organista de circo, Kit Francis por exemplo, não tem nenhum registo de órgão. Bem, na verdade os registos do seu órgão não condizem, tenho a certeza, com aquilo que está escrito sobre os registos, a maior parte dos quais retirou e deitou fora. Quando mandou reconstruir o órgão deitou-os fora. O que ele fez, foi obter simplesmente as combinações de ruídos provenientes dos geradores, e pôr um registo em cada combinação variável de ruído proveniente dos geradores (sabendo como se ligavam), e sabe que se puxar os registos "bing-bing" obtém, então, esses dois ruídos a sair do gerador, que se combinarão e darão um certo som. Está a ajustá-lo com som electrónico, combinações electrónicas de som. Por isso

até já deitou fora todos os nasardos, flautins e diapasões, e não está nada indicado em parte nenhuma, sabem? Ali está.

De facto, no outro dia vi-o criar um tubo de 20 metros a partir de uma escala superior. Nem sequer havia tubos de 10 metros na coisa, mas ele simplesmente pegou nalgumas coisas que soariam então como se descessem de tom e combinou-as. E imediatamente, ora, ele pôs a catedral de São Paulo a vibrar num ritmo louco; mas esse órgão nem sequer tem tais registos. Portanto, ele já nem se refere aos ruídos pelos seus nomes tradicionais, percebem?

Por outras palavras, quando um tipo começa a saber do seu ofício, ele geralmente deita fora... quando realmente sabe do seu ofício deita fora a nomenclatura de que não precisa. Lança-a pela borda fora e muito vulgarmente, juntamente com os seus irmãos de ofício que fazem parte da "loja", desenvolve uma nomenclatura abreviada do tipo gíria para descrever esse ofício.

Ora, sabendo algumas destas coisas, e por aí fora, tentei afincadamente reduzir a nomenclatura de Cientologia tanto quanto possível, e mantê-la unicamente no reino da gíria, que era para onde evoluiria de qualquer forma. E isso poupar-vos-ia muitos problemas.

Mas, se voltassem atrás ao longo dos anos e encontrassem o nome de tudo quanto foi nomeado, provavelmente chegariam a um vocabulário muito maior do que 472 palavras. Mas muitas dessas coisas foram lançadas pela borda fora. Mas muitos dos auditores da velha guarda ainda conheceriam essas coisas. Vocês falam acerca de um DEDEX. A maior parte dos recém-chegados olhar-vos-ia com espanto: "O que é isso?" Percebem? Bem, na verdade era um DEDEX, apenas isso.

Bom, é extraordinária a dependência que o conhecimento tem da nomenclatura, e na verdade quase nunca é reconhecida por professores ou estudantes. Tentam falar e usar uma linguagem que desconhecem. E isto pode chegar ao ponto de pensarem que o tema é incompreensível, ou que são incapazes de o compreender, quando na verdade não é isso que está errado, nada disso. O que se passa é que não compreenderam o significado de alguns desses símbolos que estão a ser usados para o designar, e não obtiveram uma compreensão instantânea desses significados.

Eles têm uma "compreensão atabalhoada" deles; isto é, se eles pensassem um bocado talvez pudessem recordar-se do que é um engrama, vêem? Bom, é essa a compreensão que têm dele.

E à medida que continuam a estudar, passando por cima destes pontos de nomenclatura não compreendida, eles começam a formar a opinião de que "não sabem do assunto". E não é do "assunto" que eles não sabem.

Para que uma coisa persista, vejam, teria que haver uma mentira; e a mentira é pensarem que estão a ter problemas com o assunto, quando é simplesmente com a nomenclatura que os têm. Eles não sabem a nomenclatura, portanto, seja como for, acabam com uma opinião de que não sabem do assunto ou que existe nele algo de muito incompreensível. Não, não é de maneira nenhuma o assunto; eles pura e simplesmente não sabem a nomenclatura do assunto.

Bom, isto pode ter começado algures no HCA, percebem, ou no curso de HPA; e um dia, bem, alguém repentinamente disse: "Bem, isso é um lock (ver elo)", e o indivíduo - sabem, disse: "Bem, isso não é importante porque é apenas um lock", percebem?

E a pessoa diz, "É apenas um lock - um lock - lock - lock - o que é um lock?". E depois foi interrompido antes de completar o pensamento e recordar-se do que era um lock. Portanto isso, na realidade, fica ali como uma pequena incompreensão básica da nomenclatura e ficará suspenso na banda do tempo, e ele desenvolverá um retardo de comunicação automático em torno desta palavra *lock*.

Ele chegará a um ponto de estar aqui em Saint Hill a ler uma frase que diz: "É melhor

verificares isto, porque pode ser simplesmente um lock". E aquele sentimento de perseguição assalta-o novamente, percebem; e ele agora pensa que não sabe muito de verificações, porque lhes atribuirá erroneamente a causa do seu mal-estar, uma vez que a outra coisa não está à vista. Consequentemente, a sua opinião agora é que não sabe muito de verificações. Não, ele não sabia *uma* palavra numa frase que tratava de verificações.

Estão a ver como a nomenclatura é importante? Porém, a compreensão da nomenclatura que está a ser usada é um passo primário no estudo de qualquer coisa.

Agora, por exemplo, estou a estudar paralelamente um curso para obter discernimento no estudo da Cientologia. E uma coisa muito, muito inteligente, uma coisa extremamente inteligente a fazer é pegar numa página de material e dar uma vista de olhos, procurando palavras que não sabem, palavras que não vos dizem nada instantaneamente.

É assinalar cada uma dessas palavras com um círculo ou fazer uma lista delas, procurar e estudar as suas definições ou pedir a alguém e obter definições para elas. Descobrir exactamente o que essas palavras querem dizer. Não abordar o assunto da página, abordar apenas a nomenclatura da página. Compreender essa nomenclatura a fundo e então abordar o assunto: descobrirão que o assunto era afinal muito fácil. Tudo o que se estava a tentar dizer era que se continuassem a percorrer um fac-símile de serviço que não dava acção de TA ao ser explorado, é óbvio que o PC ficaria mal porque estavam a percorrer sem haver acção de TA. E era só disto que a página tratava.

Mas uma pessoa depara-se com esta coisa: "Fac-símile de Serviço - ohhh! O que é isto?" Outra palavra, "Ohhh! O que é isto?" percebem, e "O que é isto?", e "O que é isto?". Bem, se quiserem ficar em completo mistério comecem a estudar páginas nas quais há palavras que não sabem. Então podem ter-se metido num magnífico mistério.

Bom, esta linguagem é tão comum para os vossos instrutores, é tão comum para as pessoas que por aqui andam, e a sua acção "snobe" - que nós temos (não há dúvida sobre isso) e continuaremos a ter, porque é um indicador de posição e competência - fará que eles expliquem estas coisas a um estudante com uma ponta de desdém, e é possível que vos curem de perguntar: "O que é um fac-símile de serviço?", porque vocês ouvirão na resposta que vos chega pelo menos o tom de "Ora, seus idiotas! Porque é que não procuram isso no vosso boletim? Como é possível que alguém possa não saber isso", percebem? Isto como que se reflecte na atmosfera criada pela resposta quando perguntam estas coisas, e isso mais uma vez faz-vos sentir estúpidos por não saberem. Bem, na verdade não se pode fazer nada para minimizar esta última sensação.

Porque, eu podia dizer: "Respondam sempre com educação às perguntas de um estudante", e provavelmente desenvolveriam unicamente uma hostilidade encoberta. Responderiam educadamente às perguntas e dariam falha em todos os testes durante 24 horas. Algo invulgar pode acontecer quando começam a pôr travão nalguma acção natural.

Portanto, o único ponto que estou a frisar aqui, é que não se deixem dissuadir lá porque alguém pensa que vocês são estúpidos por não saberem algo. Não são estúpidos por não saber, simplesmente não têm a informação. Bem, se vos falta a informação, não assumam aquela atitude superior de pensar que devem parecer inteligentes para que se pense bem de vocês, quando a questão nada tem a ver com isso. Estão aqui para aprender e qualquer pessoa que estuda algo, está a estudar, suponho eu, para aprender isso. Pode adquirir prestígio por ter aprendido isso, mas não adquire prestígio por fingir que sabe, quando não sabe. Na verdade adquire é uma grande dor de cabeça.

Portanto, o ponto a que quero chegar é que, apesar de qualquer rejeição que recebam, ou da dificuldade em vasculhar um livro para descobrir o significado, metem-se imediatamente num

sarilho no momento em que deixam para trás uma palavra numa frase, da qual não sabem o significado. Um pedaço desconhecido de nomenclatura que deixem para trás pode arruinar completamente a vossa compreensão de todo o assunto que estão a estudar. Bom, se querem aumentar a velocidade de compreensão da situação, façam-no aparentemente da forma lenta. Esta é obviamente uma maneira lenta de o fazer, não é? Mas não é a maneira lenta de o fazer porque tem o efeito de uma bola de neve.

Tornar-se-ão mais rápidos e mais rápidos e mais rápidos, ao passo que se não fizerem desta maneira tornar-se-ão mais lentos e mais lentos e mais lentos. Portanto, ao estudar nunca deixem para trás uma palavra cujo significado não saibam. E quando me ouvirem usar uma palavra numa conferência (e na verdade tento minimizar a nomenclatura nas conferências), quando me ouvirem usar uma palavra numa conferência cujo significado não saibam, por amor de Deus anotem-na nos vossos apontamentos, e imediatamente a seguir à conferência descubram qual é o seu significado. Que significa essa palavra? Percebem? É algo que vos passou despercebido.

Bem, é isso que não compreendem, não é a mente, não é Cientologia, não são as teorias e práticas de Cientologia. A nomenclatura é, simplesmente, o primeiro e o maior obstáculo.

Ora bem, a nomenclatura estará lá independentemente de qualquer reforma que se faça, porque em primeiro lugar estamos a examinar coisas que eram desconhecidas até agora, por isso têm de ter um nome. Agora, alguém não informado pode tentar dizer-vos que algumas destas coisas eram conhecidas, mas isso é apenas conversa de quem está mal informado. Ele não sabe do que estavam a falar, por isso pensa que já eram conhecidas. Ele tentará, por exemplo, comparar um "id" com um "thetan", percebem, e dirá: "Bem, Freud descreveu tudo isso. Ele disse 'id' e um id era alguma coisa, e..." "Bem, provavelmente a pessoa que vos diz isto não sabe na realidade o que é que Freud disse que um 'id' era, percebem? O seu fracasso na nomenclatura é anterior à sua má compreensão em relação àquilo de que estavam a falar, compreendem?

Portanto, se querem acabar feitos num oito e muito confusos e obter muitas aprovações demoradas e ir mais devagar e mais devagar e mais devagar e mais devagar, comecem simplesmente a deixar para trás palavras que não sabem o que significam. Chegam a meio da página e de repente há uma palavra que nunca tinham visto antes. Dizem apenas: "Bem, mais tarde capto esta palavra" e prosseguem. Porque é que não dizem simplesmente: "Bem, vou cavar a minha própria sepultura agora mesmo adicionando várias semanas ao meu progresso no curso", porque é simplesmente isso que aquilo causará. Não podem deixar de acabar feitos num oito no fim dessa página.

Agora, a próxima coisa é o próprio assunto, a disposição e compreensão do assunto. Pois esta é a vossa segunda coisa. Pois é, está muito bem dar um nome a uma coisa e obter uma definição para ela, mas *o que é* essa coisa à qual estão a dar um nome? E se vocês fossem muito, muito espertos atacavam-na e atacavam-na e resmungavam e andavam à volta de qualquer parte do assunto. Agora estamos a falar acerca de uma coisa. Não estamos a falar acerca do nome da coisa, estamos a falar acerca da coisa. Andavam à volta de qualquer uma daquelas partes do assunto até que tivessem uma boa compreensão do que é que isso realmente tratava. "De que diabo estamos a falar?" Compreendem?

Vou dar-vos uma ideia: Vocês dizem, "Bem, uma pessoa tem uma má opinião de outra porque tem um overt contra aquela pessoa". De acordo, aí está uma coisa, percebem? Esse é um mecanismo que rodeia a sequência do overt-motivador, esse é um dos fenómenos. O Zé está chateado com o Quim, e se investigarem um pouco descobririam que o Zé está chateado com o Quim porque fez qualquer coisa ao Quim. Pois é, o Zé fez qualquer coisa ao Quim. Ora bem, isto é contrário à explicação que toda a gente dá na vida, por isso é muito facilmente interpretado desta maneira, percebem? Porque na vida é assim, vocês podem interpretar mal esta coisa e metê-

la - zás! - ao contrário na vossa cabeça, percebem?

Portanto "o Zé está chateado com o Quim porque o Quim fez algo ao Zé. Sim, compreendo isso". Bem, vocês falharam completamente. Por isso, se interpretaram dessa maneira, realmente, daí em diante, nunca compreenderão como sacar um overt ou porque é que o devem fazer. Essa interpretação deu em nada, percebem? Um mecanismo muito importante. "O Zé está chateado com o Quim porque o Zé fez algo ao Quim." Muito bem, essa é a coisa.

Agora, várias coisas podem meter-se no caminho da aceitação desta coisa, e primeiramente temos o facto de que não é usual ou não se pensa geralmente desta maneira, e este facto mete-se no vosso caminho devido a interpretação errada. Pensam que leram algo que não leram, compreendem? Como é tão usual que seja da outra maneira, vocês pensam que a leram da outra maneira. Ou a outra maneira é tão amplamente aceite que a maneira correcta é simplesmente inacreditável.

Assim a coisa que a seguir se mete no vosso caminho é a incredibilidade disso. Vocês dizem, "Bem, não é possível isto ser verdade". Agora, por amor de Deus, quando chegarem à incredibilidade de algo, certifiquem-se de que sabem de que é que estão a descrer. Pois é, isso é importante; isso é importante. Saibamos de que estamos a descrer.

Ora, para saber o que estamos a descrer temos que dar o primeiro passo novamente - a nomenclatura, compreendem? "Compreendi bem a palavra? Agora, a coisa, o mecanismo, o fenómeno, aqui - compreendi-o bem?" E em cerca de 90 por cento dos casos verificarão que ao reexaminar este passo do "inacreditável", vocês estão a descrer da coisa errada. Que não estavam a descrer daquilo que estava ali, estavam a descrer doutra coisa, compreendem?

Por isso, quando ficam completamente "boquiabertos", percebem, vocês dizem: "Não pode ser assim, sabem? O quê? O quê? Não pode ser assim. Não, não pode ser assim!" reparem. Em vez de saírem e de se atirarem da ponte abaixo ou algo parecido, ou tomarem cianeto, o que há a fazer é examinar a nomenclatura e a descrição da própria coisa. Ora bem, se examinarem estas duas descobrirão provavelmente que tinham algo ao contrário, e que este "inacreditável" não era inacreditável, de modo algum, mas é muito, muito facilmente compreendido. Isso acontece em cerca de 90 por cento das vezes.

Os outros 10 por cento - simplesmente não conseguem ver como aquilo funciona daquela maneira - voltem atrás e verifiquem a vossa nomenclatura, verifiquem qual era a coisa em que não estavam a acreditar e assim sucessivamente, passem a esta outra coisa; se ainda não percebem como é daquela maneira: construam alguns exemplos de como não é daquela maneira e de como é daquela maneira.

Agora, este é sem dúvida o primeiro lugar onde realmente têm de aplicar isso a vocês e à vida, onde isso se torna uma necessidade absoluta. Devem aplicar isso a vocês, devem aplicar isso à vida. "Existe esta coisa na vida ou não? Existiu na minha vida ou existiu na vida de mais alguém que eu saiba? Há por aqui algum incidente que demonstre este fenómeno?"

E começam a olhar para aquilo e descobrirão que a razão pela qual não sucedia daquela maneira é normalmente um botão que se meteu no caminho ou algo assim. Sabem, não se atreviam a acreditar que era desta maneira, alguma coisa assim. Examiná-la apenas, tentar - "Como é que isso se aplica a mim? Como é que isso se aplica à vida? Alguma vez se aplicou à vida? Já alguém viu esta coisa?" vêem, e "Conheço algum incidente ou qualquer coisa do género que possa exemplificar esta coisa?" Bem, os outros 10 por cento de que vos tenho estado a falar aqui, esses tenderão a evaporar-se também, e vocês dirão: "Ah, sim, agora percebemos".

Agora, este procedimento, se for seguido, dá-vos, na verdade, uma compreensão extremamente firme daquilo que sabem. E um estudo cuidadoso não é necessariamente completo

ou brilhante ou sábio ou qualquer outra coisa, é simplesmente cuidadoso. E se continuarem a trabalhar neste assunto de ser cuidadoso com isto - e aquilo com que têm cuidado é que à medida que descem pela página, ronrom-ronrom-ronrom, vocês subitamente descobrem esta palavra *boojum* compreendem? "Que diabo é isso?"

Agora, vou mostrar-vos como podem cometer uma estupidez: continuar.

Lêem a palavra que se segue, na esperança de que, de uma maneira ou de outra, a explicação vos caia do céu. Ao tratarem essa palavra com ligeireza vocês estão feitos. "O que é esta palavra *boojum*?" Meus senhores, é melhor que descubram agora mesmo. Podem dar uma olhadela ao resto da frase: "Há ali uma descrição dentro de parênteses, o significado que a palavra *boojum* tem na frase, como por vezes acontece? Ou, não há nada ali? E evidentemente uma palavra que é suposto eu já saber. Não é uma palavra nova porque não está explicada neste parágrafo, portanto é uma palavra que eu conheço".

Meus caros, continuando para além disso, vocês próprios ficam presos num pequeno mistério de bronze, e ali estarão vocês, andando por aí com uma lanterna, vasculhando os cantos escuros e fazendo conjecturas sobre aquilo que vos está a pôr em mistério. Depois pensarão que estão em mistério acerca do assunto; estar em mistério acerca seja do que for tem origem simplesmente na altura em que leram esse parágrafo e não compreenderam a palavra que havia nele, portanto é natural que não comunicasse nada.

Ao não compreender a palavra, vocês inibiram qualquer comunicação. Inibiram a comunicação entre aquilo que estão a estudar e vocês mesmos. Também inibiram a comunicação entre vocês e outros auditores; e por estranho que pareça, também inibiram a comunicação entre vocês e um PC, porque isto é algo que depois não reconhecerão num PC, porque não sabem o que é.

Agora, seguindo algum tipo de rotina como esta no estudo, descobrirão que são capazes de estudar. Está muito bem que alguém venha por aí e diga: "Bem, você não sabe estudar e você simplesmente não é aplicado no estudo", e esse tipo de coisas. E fizeram isto a pessoas na escola; fizeram-no a mim. Costumavam fazer-me isto na escola, costumavam dizer: "Tu não sabes estudar".

E eu costumava dizer: "Credo! Isso é muito interessante. Eu não sei estudar", e aceitei isto, que não sabia estudar. E não me lembro de ter feito muito barulho em relação a isso, mas finalmente consegui descobrir que estas acusações não vinham acompanhadas de qualquer método de estudo.

Por outras palavras, vocês diziam - alguém vos dizia: "Você não sabe pendurar um gancho no céu, e por isso é muito estúpido... por não saber pendurar um gancho no céu". E é mais ou menos como andar aos gambozinhos, o mesmo tipo de partida, percebem? Espera-se que vocês fiquem no bosque durante horas, a segurar num saco, enquanto eles os enxotam na vossa direcção. Na realidade, eles estão em casa a tomar café; e vocês ficam ali no bosque húmido durante horas, estão a compreender? É uma partida tão rude quanto isso.

Eles dizem: "Vocês não sabem estudar". Bem, que gente mais pretensiosa! Eles também não sabem estudar. Não existe nenhum assunto chamado "estudo". Se houvesse um assunto, chamado "estudo", começaria a ser-vos ensinado na Infantil. Certamente que começaria a ser-vos ensinado antes de entrarem nos liceus e esse tipo de coisa. Diriam: "É assim que se estuda".

Deparei-me com vários sistemas, mas não aparecem nos compêndios convencionais. Vi-os em... lembram-se das "especialidades de Pete Smith" de há tempos atrás que costumavam mostrar no cinema, e assim por diante; comédias de curta metragem e coisas do género? Bem, vi métodos de recordar coisas e métodos de saber coisas, etc., surgir dessa maneira, mas nunca os

vi em compêndios.

Ora bem, eu mesmo desenvolvi um método, "um método de estudo", como defesa; e recordo-me muito bem de o aplicar no campo da História. Simplesmente não se passava para o parágrafo seguinte sem que se pudesse recitar o último parágrafo com os olhos fechados. Compreendem? Não aumentava o meu conhecimento de História. Na verdade dava-me melhor simplesmente lendo um compêndio de História. No fim da leitura, quando acabava de ler o compêndio de História e alguém me perguntava por datas, eu procurava no livro. Verifiquei que este é o melhor método para conseguir isto.

O único outro método de estudo que alguma vez desenvolvi para mim mesmo na escola podia ter algum interesse, e esse era simplesmente obter todos os livros sobre o assunto que conseguisse apanhar e lê-los todos sem tentar concentrar-me em nenhum deles, compreendem?

Penso que uma das notas mais brilhantes que alguma vez obtive, e de que me gabei por todos os lados, e assim por diante, e que levou a que me pedissem para dar conferências em todos os lados, fez-me sentir um pouco culpado. Estava a estudar a história da América e simplesmente apoderei-me de todos os livros que consegui encontrar sobre a história da América e li-os todos, incluindo os cinco volumes de *A História dos Estados Unidos* de Woodrow Wilson. É uma daquelas coisas que se põem numa estante para a segurar no caso de um tremor de terra.

E li todos estes compêndios; mas creio que nunca disse ao professor que, por ser alérgico à sua péssima, péssima prosa, nunca li o compêndio daquela classe. Nunca li o compêndio da classe. Li todos os outros compêndios em que pude pôr as mãos, mas não suportava a prosa dele. A sua prosa era horrível; era composta de uma forma socialista e estranha; e era pedante ao extremo.

Não é que estivesse cheia de palavras difíceis; na verdade, o que o indivíduo fazia era básico demais. No lugar onde devia ter usado uma bela palavra, grande e pomposa, sabem, pois é, ele punha uma palavra excêntrica e por aí fora. E não sabia escrever, vêem, e por isso, não li o compêndio da escola, mas li todos os outros compêndios, e tive - oh, não sei - a classificação máxima e dei-lhes conferências sobre História e ganhei estrelas de ouro e taças de prata e todo este género de coisas por ser um estudante espectacular. Bem, na verdade consegui isto apenas pelo facto de ter lido tudo o que estava à vista. E verifiquei que era razoavelmente fiável como método, razoavelmente fiável, quando não existe nenhum treino disponível - sabem, como numa escola americana.

Quando não existe absolutamente nenhum treino disponível, bem, o que devem fazer é pegar em todos os livros possíveis sobre o assunto e depois simplesmente ler os livros todos do princípio ao fim, vêem, tendo bem a certeza (fã-lo-ia agora, e faço, e sempre o fiz) de que não passam à frente de palavras que não conhecem. Obter um dicionário bastante grande, e obter algum tipo de antologia ou alguma coisa adicional a isso, e procurar uma palavra que não conheçam e descobrir aquilo com que está relacionada, e depois compreender essa palavra muito bem, e então continuar a navegar seguindo o vosso rumo.

Não importa se lêem o livro em cinco horas, percebem? Não importa quão rapidamente leiam ou não o livro. Isto, na falta de um treino convencional que se possa conhecer sobre qualquer assunto. É um método muito bom, aliás um método excelente, porque ao acabarem de estudar a coisa, vocês viram esta palavra tantas vezes, procuraram o seu significado tantas vezes, que finalmente sabem o que ela é, percebem?

Vocês dizem: "Ali está outra vez o 'Perfil de Rembrandt'". Ora bem, que diabo significa um 'Perfil de Rembrandt'? Bem, um 'Perfil de Rembrandt' é na verdade - bem, acho que deve ter sido algo pintado por Rembrandt, mas aqui deve significar algo. Voltarei um pouco atrás. Vi uma

menção dele aqui. Aqui está uma descrição dele. Sim, exacto, assim e assim e assim e assim e assim... Ah, ah compreendo! A luz principal não incide na frente da cara. Oh, óptimo. Sim, é apenas luz de enchimento que incide na coisa. Ah, correcto, sim. Agora percebo. Muito bem".

Continuam nessa direcção e por aí fora, e finalmente, pois então, terão esquecido tudo acerca daquilo, vêem; mas em capítulos posteriores tropeçam em "Perfil de Rembrandt". "Um quê? Oh, algo sobre luz de enchimento. Sim. Bem, sei onde posso encontrá-lo. Vou voltar atrás. Ah, sim. Sim. Luz principal atrás da pessoa, luz de enchimento na frente da pessoa. Sim. O rosto fica principalmente na sombra. Sim, compreendi. Nada difícil." Muito bem, continuando nesse rumo em capítulos posteriores - outro compêndio sobre o assunto - "Ao fotografar um Perfil de Rembrandt... assim e assim e assim e assim - Ah, é assim que se faz! Adicionam um projector a isso também. Óptimo." Reparem, a palavra já não actuou como um obstáculo ao vosso estudo.

Procurar palavras e significados, e por aí fora, é uma espécie de curso erosivo de um rio, que corrói continuamente as margens até ter finalmente um caudal bom, forte e fluente, compreendem?

Na verdade não acho que existam estudantes espertos e estudantes estúpidos. Não acredito nisto de modo nenhum. Não penso assim, porque nunca vi nenhuma coordenação real entre o conhecimento do assunto e a esperteza e estupidez de um estudante. Mas existe o estudante cuidadoso e o estudante descuidado.

Ora bem, um estudante pode ser muito rápido e ainda assim ser muito cuidadoso; nem tem muito a ver com a velocidade. Mas ele sabe quando foi posto fora de combate. Essa é talvez a única coisa que ele sabe. Ele está a ler este parágrafo e de repente desperta para o facto de que não faz a mínima ideia de que diabo está a ler, e por isso ele volta atrás e descobre onde ficou confuso. Ah! Bem, aqui estava uma palavra e aqui estava um fenómeno acerca dos quais nada sabia.

Agora, se ele for um estudante cuidadoso, põe tudo de lado até descobrir o que aquela palavra e fenómeno são, exactamente o que são, e esclarece aquilo. Ele poderia andar à procura apenas um pouco mais à frente para descobrir se está definida nessa mesma publicação, percebem. Mas está à procura da definição, já não está a seguir em frente.

Agora, aí está o estudante cuidadoso, e a sua esperteza no assunto depende do grau em que ele faz isto. Não depende de nenhum talento inato ou de qualquer outra coisa. Nem sequer depende dos seus botões.

E em Cientologia, devido à quantidade tremenda da extensão do estudo que estamos a fazer, e devido a estarmos a estudar aquilo com que estudamos, pois então, é necessário ter algum domínio do assunto do estudo. Torna-se absolutamente imperativo no nosso campo saber algo acerca de como estudar; e já não se trata de ir ter com um pobre e infeliz estudante e dizer: "Bem, o teu problema é que não sabes estudar", e depois afastar-se, percebem? Ou dizer acerca de outro estudante: "Bem, ele é simplesmente estúpido, isso é tudo, percebem. Isso explica tudo, vêem?" Francamente, isso não explica seja que diacho for.

Ouvimos falar acerca do estudante rápido como um raio. Ouvimos falar acerca do estudante muito, muito rápido, rápido, rápido, e ouvimos falar acerca do estudante muito, muito, muito, muito lento, e ouvimos falar acerca do estudante marrão e do estudante brilhante; e honestamente, essas classificações não têm mais validade do que o campo da Psiquiatria. Porquê? Porque nunca produziram um estudo rápido e uniforme. São, é evidente, simplesmente desculpas para e justificações de alguma coisa. São um esforço para classificar alguma coisa que ninguém resolveu. Por isso, porque razão deveríamos falar acerca de estudantes burros, estudantes lentos, estudantes brilhantes, etc.?

Há certos fenómenos no estudo que vale a pena comentar, e um desses é o indivíduo invulgar que consegue memorizar quase num relance e que consegue voltar atrás e atirar cá para fora as palavras memorizadas. Conheci estudantes chineses que venciam qualquer pessoa como nunca vi - no mundo anglo-saxónico ou no mundo ocidental - venciam fosse quem fosse nesta acção. Conheço estudantes chineses que podiam dar-vos páginas de fórmulas matemáticas e coisas deste género, e descrições disso e por aí fora. Provavelmente a coisa mais incrível que vocês alguma vez ouviram. Chegavam à escola na manhã seguinte com as suas lições e, *vuum!* Vocês pedem-lhes: "Bem, está bem, agora vamos para a fórmula do declive".

"Bem a fórmula do declive é assim e assim, assim e assim, assim e assim, e zás-trás, pumba-pumba, zás-trás." Está tudo ali, percebem?

Vocês dizem: "Eh, lá!" Não dizem instantaneamente: "Ora muito bem, este é exactamente o homem de que precisamos para construir a barragem", porque construir barragens tem muito pouco a ver com este tipo ou carácter particular de estudo. Nem sabemos se ele conseguiria resolver os problemas que vêm na página do livro que leu, mas poderia certamente recordá-los. Ora bem, isso é principalmente um teste de memória.

Portanto, se não querem ter dúvidas acerca desta pessoa, ao examiná-la descobrirão imediatamente o que está errado aqui. Descobrirão imediatamente o que está errado. Há uma maneira de examinar esta pessoa, que seria justa tanto para o instrutor como para o estudante.

Peguem em qualquer palavra estranha que apareça no primeiro parágrafo que acabam de ouvir recitar de forma tão glibe, e peçam a definição dessa palavra. (A definição não está incluída na matéria que a pessoa está a estudar). E se querem ver uma expressão de perseguido e aterrorizado aparecer no rosto de alguém, vê-la-ão no rosto daquele que repete perfeitamente de memória, percebem? E vocês dão um golpe de mestre nisso, porque lhe pedem algo que não é recordação.

Pediram-lhe a definição de uma certa palavra. E se esta pessoa - reparem bem nisto - se esta pessoa pudesse dar-vos o parágrafo inteiro e dizer-vos tudo acerca dele, mas não pudesse definir uma palavra nele contida, essa pessoa tinha de estar em mistério total acerca daquilo.

Portanto o ingrediente que falta é a compreensão; e naturalmente depois o ingrediente em falta, a aplicação, irá manifestar-se em breve. Estão a ver como isto funcionaria?

Por outras palavras, este estudante muito, muito rápido, fracassa exactamente como fracassaria o estudante lento. Por outras palavras toda a gente fica uniformemente cave-in neste mesmo ponto. Agora, se alguém aparecer e pegar na mesma matéria e tropeçar por todo o lado e tentar explicar e atirar cá para fora essa matéria, e por aí adiante, o examinador poderia pedir-lhe, também, a mesma palavra. "Qual é a definição dessa palavra?"

E ele diria: "Bem, não sei". Colocá-lo-iam no mesmo barco do estudo rápido, não é?

Portanto a direcção e propósito final do estudo é a compreensão, e com certeza, com uma palavra desconhecida e um fenómeno desconhecido no meio dele, vocês não vão obter compreensão absolutamente nenhuma. Vão obter descrença, incompreensão. Vão obter mistério. Além disso, vão de certeza obter não-aplicação.

Ora bem, se examinarmos o estudo um pouco mais, a maior queixa acerca do estudo é que ele não resulta imediata e rapidamente numa aplicação boa, limpa, e clara. Este é um dos principais motivos de queixa em relação à educação moderna... uma das críticas principais é educarem um engenheiro, ou terem educado um engenheiro e não se atreverem a mandá-lo construir uma ponte, percebem? Bem, isso é no campo da aplicação ou da prática da aplicação. Mas se este homem não pode sair e construir uma ponte depois de o ensinarem a construir uma ponte - é óbvio que o ingrediente familiaridade esta certamente a faltar.

Mas mesmo assim, se alguém tivesse caído em cima dele como louco, por causa da definição de cada palavra em que ele tropeçava ao estudar a construção de pontes, ele deveria ser capaz de sair e montar o seu sextante e o seu teodolito e começar a trabalhar. Deveria ser capaz, deveria ser capaz. Ele tem agora a horrível tarefa de adquirir familiaridade, mas não estaria a construí-la em presença da barreira de uma má compreensão da sua terminologia, de uma má compreensão das suas ferramentas, e teoricamente poderia construí-la.

Dei por mim a fazer isso no outro dia. Tinha apenas o domínio do compêndio de um certo problema nesta actividade paralela que estou a estudar. Eu apenas tinha o domínio do compêndio da coisa, mais nada, e vi isso, vi que isso acontecia e apliquei os dados que encontrei no compêndio e resolveu-se, foi tiro e queda! E eu tinha cerca de... algo na ordem de talvez dois ou três segundos para fazer tudo, porque estava a acontecer algo e eu tinha que remediá-lo rapidamente, percebem? Apenas o compêndio. Funcionou, funcionou perfeitamente.

Por conseguinte, vocês poderiam e deveriam ser capazes de pegar numa coisa puramente de compêndio, se fosse um compêndio válido e um assunto válido, e aplicá-la directamente sem familiaridade. Agora, pensem nos ases que vocês também seriam se, no entanto, tivessem a familiaridade ao mesmo tempo. E é por isso que estudamos audição enquanto auditamos, compreendem?

Mas se este outro ingrediente de estudo cuidadoso está a faltar, se a nomenclatura está a faltar, não terão sucesso. Simplesmente não terão sucesso.

Tenho estudado... estive a estudar muito afincadamente este assunto paralelo, porque também é uma maravilha no que se refere à terminologia. É uma terminologia, pensariam vocês, com a qual qualquer pessoa estaria familiarizada se tivesse andado em fotografia durante muito tempo. Esta pessoa não podia deixar de ficar familiarizada com ela... oh, não, não, não, não; não quando vocês estão a estudar compêndio atrás de compêndio, atrás de compêndio, atrás de compêndio, atrás de compêndio!

Bem, se estivessem a tirar algum pequeno curso que não tivesse muito a ver com coisa alguma, que não tivesse a intenção de fazer de vocês profissionais em qualquer assunto, e que dissesse: "É assim que se revelam fotografias". (Do género do "manual de Eastman para o principiante em casa", conhecem? Li-os aos montes.) Não, não tem nada a ver com isso. Este diz: "Preparar o gatilho, abrir fogo, acertem-lhes com metralha, percebem? Vale tudo. Agora vamos atacar com as baionetas". "Peguem no metabissulfito e juntem-no ao iatapim." "E vocês dizem: "pegamos em quê?" percebem?

E depois vocês estão ocupados com a lição seguinte, a estudar um campo completamente diferente do mesmo assunto: "Certifiquem-se de que ajustam o cartão branco".

"O quê? De onde, diabo, é que isto veio? Eu nunca encontrei isso antes em lado algum. Um cartão branco, um cartão branco. Ora bem, o que é um cartão branco?" Folheio, folheio, revolvo, revolvo, à procura no dicionário, e por aí fora. Quem diria? Não está no dicionário. É tão comum que eles não têm que o definir. Mas eu não sei o que significa. Não me preocupo agora com o quanto isto me faz ser estúpido, compreendem? Revolvo, revolvo, zás trás. Finalmente entendi pelo contexto e pela ilustração. Havia uma fotografia de todo o material fotográfico necessário. É óbvio que um cartão branco é aquilo que atenua a influência da luz principal numa orelha proeminente, de modo que ela seja menos proeminente. Óbvio, não é? Um cartão branco? Quem é que teria concebido isto, meus caros? Uma peça de equipamento absurda, mas muito usual.

O tipo que escreveu o compêndio, estando tão familiarizado com o assunto, faria a mesma afirmação que vocês fariam, estão a ver? Vocês diriam: "Bem, primeiro colocam o E -Metro em cima da mesa, naturalmente". Vocês teriam dito isso quase sarcasticamente, estão a ver? "Bem,

vocês colocam o vosso E-Metro em cima da mesa, naturalmente, antes de começarem a auditar." Se quiséssemos ser realmente sarcásticos, fariamos este tipo de comentário, entenderam?

Este tipo, este fulano, este perito em retratos, entre todos os peritos em retratos diz: "Bem, naturalmente que ajustam o cartão branco para atenuarem a luz que incide nisso. É assim que suavizam a luz". Ele só diz isto como um parêntese, estão a ver? "É assim que tornam menos proeminentes as feições indesejáveis da figura que vão fotografar. Vocês atenuam a luz que incide nelas."

"Com que é que se atenua a luz?"

Obtêm a mesma resposta do compêndio: "Oh, não sejam burros!".

"Sim, mas com que é que se atenua a luz, sabem?"

"Vocês atenuam-na com um cartão branco, naturalmente, seus idiotas!"

"O que é um cartão branco? O que é um cartão branco? O que é esta coisa? "Põe-se por cima da peça - põe-se por cima das lentes da câmara de maneira que não se veja a cabeça do indivíduo?"

Portanto tem sido muito divertido, porque posso olhar para um assunto, reparem, obliquamente; olhar para os mesmos problemas de estudo com que vocês se deparam, e tenho estado a analisar estes problemas e agrupei-os. Aquilo de que vos tenho falado e o que vos tenho dito recentemente, têm sido os pontos de vista que tenho expressado a respeito disto à medida que os ponho em prática e conforme sei que se aplicam no nosso próprio campo, e creio que, como resultado, têm feito alguns progressos.

Mas há apenas estes pontos acerca do estudo, e vocês esperavam que houvesse, provavelmente, muito mais pontos complexos acerca do estudo, mas não há mais pontos complexos acerca do estudo além daqueles que acabei de vos dar.

Ora bem, é claro que se vocês não lessem ou escrevessem *inglês* (português) haveria um estudo mais extenso sobre nomenclatura, mas lembrem-se que seria apenas um estudo mais extenso sobre nomenclatura. Portanto ele até entra nesse campo específico. Bom, a pessoa que não pode falar de forma nenhuma ou, digamos, um animal a tentar chegar a este ponto específico: ele está totalmente fora de comunicação, não tem as cordas vocais, não pode ser educado, para começar. Vocês dizem: "Bem, esse é um campo totalmente fora de questão". Bem, eu não estou completamente disposto a pôr inteiramente de lado esse campo, porque já subi o tom a animais até um nível bastante notável e já conheci cães que podiam falar, estão a ver?

Sim, uma vez conheci um cão que costumava dizer "fome" sempre que queria comida. Ele conseguia-o de alguma forma. Ele usava algum esquema de Hollywood de como respirar pelo diafragma, percebem? Mas ele dizia, muito, muito claramente, que estava com fome. Pregava um susto de morte às pessoas, porque elas diziam: "Bem, é engraçado. O cão provavelmente faz um grunhido", percebem? "E a dona que o ensinou, e tal, está a ser um bocado exagerada demais." E então elas ouviam este cão e ele dizia: "Fome", e elas faziam: "Ooooooh!" E no outro dia estive a falar para um elefante que queria que lhe tirassem uma fotografia, como já vos disse, e tenho-me encontrado com animais que sabem as suas deixas muito melhor que os seus treinadores e têm de levar o treinador através do número e levá-lo a fazer boa figura.

Portanto, não sei quais são as barreiras de comunicação. Tenho agora melhor compreensão da quinta dinâmica do que tinha antes, e verifiquei que se pode penetrar bastante mais no íntimo da quinta dinâmica.

Mas de qualquer maneira, seja como for, a questão é que a comunicação da nomenclatura da linguagem, da capacidade para falar ou comunicar, seria a primeira barreira, vêem-na? E isso

também acontece com o indivíduo que sabe inglês (português), que pode ler, que se senta ali, etc.: ainda é a sua primeira barreira. Mas, naturalmente, ele está tão alto neste nível de comunicação que desdenha estas pequenas incapacidades para comunicar e daí as negligencia. E negligenciando-as, então naturalmente fracassa redondamente quando entra no campo do estudo, e esse é provavelmente o primeiro lugar onde se estatela.

Há muitas maneiras em que se podia fazer uma pessoa fracassar no estudo, mas seria principalmente ao negar-lhe o discernimento da necessidade de compreender os símbolos usados na comunicação. Isso seria um grande fracasso na entrega do campo de estudo.

Nós nunca publicámos um dicionário como tal. Há por aí vários manuscritos de dicionários, mas infelizmente dependem todos de mim para serem novamente revistos, do princípio ao fim, e a quantidade de palavras neles contidas é simplesmente fantástica; e são apenas aquelas 12 horas extra a adicionar às 48 nas 24 horas do meu dia, para levar a cabo um trabalho desses, e é um osso duro de roer. E eu particularmente não quereria aventurar-me nesse trabalho até sentir que estava razoavelmente completo, de modo que só por esta altura começaria a estar completo. Mas codifiquei definições das várias palavras do Nível VI e por aí fora, que tenho a certeza que foram publicadas, de maneira que vocês pudessem procurar estas coisas e perceber qual era a situação.

Mas apesar da falta de um dicionário acetinado, vocês podem, no entanto, procurar estas palavras, e elas são conhecidas e toda a gente por aqui sabe o que são, e na verdade não há nenhum pretexto para procurar um dicionário desses. Portanto leva-vos meia hora para aprender o que significa esta palavra! Meus caros, é meia hora que não será multiplicada e adicionada ao tempo que levam para terminar o vosso curso, quando estão ocupados e a debater-se aqui e ali tentando perceber porque é que realmente não conseguem chegar à linha de partida nesse domínio específico.

Bom, espero que o que vos disse hoje vos seja de alguma utilidade. Muito obrigado.